

Maracatus no Carnaval do Recife

Leonardo Dantas Silva

No Carnaval do Recife existem curiosidades que ainda não foram devidamente esclarecidas por grande parte dos pesquisadores. No âmbito dos maracatus os autores são unânimes em afirmar que este cortejo tem suas origens nas coroações dos reis e rainhas do Congo e de Angola, mas nenhum deles menciona o fato de que o primeiro grupo a sair desta forma durante um Carnaval era formado por rapazes brancos travestidos de pretos.

A notícia foi colhida no DIÁRIO DE PERNAMBUCO, edição de 6 de março de 1854, que mostra um conjunto de mascarados que nas ruas do Recife estavam a imitar os agrupamentos dos reis negros, quando saíam para participar das festas em honra de Nossa Senhora do Rosário e Nossa Senhora dos Prazeres dos Montes Guararapes. Comentando o carnaval daquele ano de 1854, informa o jornal: "...o que mais parece ter entretido o povo e cativado o seu interesse foi sem dúvida a imitação dos costumes africanos, na maneira porque fazem os seus ordinários divertimentos, os seus *Maracatus* (grifo nosso). A imitação com efeito foi fiel e os caracteres figurativos não podiam ser mais expressivos. Ver um desses grupos mascarados, é ver num dia do Ro-

sário o rei de uma nação africana, de baixo de grande umbela, acompanhado de seus súditos masculinos e femininos, a fazerem-se mil festas, dançando e sambando ao som dos mais esdrúxulos instrumentos era ver a mesma coisa sem a menor diferença".

Essa imitação de brancos a um préstito de reis negros, já presente no âmbito das festas religiosas e nas ruas do Recife fora do período carnavalesco, não surtiu de pronto efeito na comunidade negra. O aparecimento dos autênticos maracatus, trazendo em cerimonial os seus reis e rainhas, só veio a acontecer anos mais tarde, como se depreende do noticiário carnavalesco da Imprensa da época.

Uma das antigas referências da presença de um maracatu autêntico em nosso Carnaval é a notícia publicada no DIÁRIO DE PERNAMBUCO de 10 de fevereiro de 1872: "No dia 11 do corrente, sairá da rua de Santa Rita Velha (bairro de São José) a nação velha de Cambinda, a qual vai em direitura à rua das Calçadas buscar a sua rainha e depois percorrerá diversas ruas, e as três horas se achará em frente da Igreja do Rosário (de Santo Antônio) onde se soltarão algumas girândolas de fogo e uma salva de vinte e hum tiros; daí seguirá para o Recife e na rua do Bom Jesus voltará com a vice-rainha de sua nação".

O maracatu tem suas origens na instituição dos Reis Negros, já conhecida na França e na Espanha, no século XV, e em Portugal, no século XVI, passando deste para Pernambuco onde encontramos narrativas e documentos sobre a coroação dos Reis e Rainhas do Congo e de Angola a partir de 10 de setembro de 1666 (Soucho de Rennefort, *Histoire des Indes Orientales*. Paris 1688) — As coroações de reis e rainhas na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos de Santo Antônio são documentadas a partir de 1674, segundo demonstramos em nosso livro *Alguns documentos para história da escravidão*, Recife, Ed. Massangana, 1988.

No Recife, a denominação *maracatu* servia, na primeira metade do século XIX, para classificar um ajuntamento de negros, como aparece no noticiário da fuga da escrava Catarina que "nos domingos costuma vender verduras no *maracatu dos coqueiros*, no Aterro dos Afogados" (DP, 1.7.1845), servindo também como denominação dos cortejos dos dignitários negros que, costumeiramente, compareciam às festas religiosas de Nossa Senhora do Rosário e de Nossa Senhora dos Prazeres dos Montes Guararapes.

Esses ajuntamentos passou, a partir dos anos cinquenta do século XIX, a acontecer em períodos fora das festas

do Rosário, como se depreende da reclamação do Rei do Congo, Antônio de Oliveira, à Câmara Municipal do Recife na sessão de 28 de abril de 1851.

O folguedo, a exemplo dos bailes e batuques organizados pelos pretos em fins do século XVIII, veio a sofrer censura também por parte das classes dominantes que chegavam a pedir, pela Imprensa, providências às autoridades policiais. O DIÁRIO DE PERNAMBUCO por várias vezes se ocupou em denunciar o abuso de tais reuniões de negros, as quais em sua maioria não contavam com a presença dos reis das respectivas nações, inclusive em extenso editorial publicado em sua edição de 18 de maio de 1880.

Com a abolição da escravatura negra, em 13 de maio de 1888, as coroações dos reis do Congo perderam a sua razão de ser, tornando-se àquela "autarquia" dispensável diante da nova ordem social, restando de sua tradição a presença dos cortejos de maracatus que passaram a desfilar pelas ruas do Recife, nos dias dedicados aos Santos Reis, Nossa Senhora do Rosário e durante o período carnavalesco. O novo cortejo obedece a mesma formação do séquito dos Reis Negros, dispoñdo de hierarquia e comando, mas uma nova autoridade surge, diante dos seus seguidores, normalmente ligada aos terreiros de xangô.